Saga da citricultura

Registros históricos confirmam a excelente adaptação das árvores cítricas plantadas na costa litorânea brasileira no início da colonização

Luiz Antonio Pinazza e Regis Alimandro

A origem da laranja é cercada de controvérsia: sabe-se que veio do continente asiático, mas não de qual região. Alguns historiadores afirmam ter surgido na parte Leste, onde atualmente se encontram a Índia, a China, o Butão, a Birmânia e a Malásia.

A trajetória pelo mundo também é incerta. Acredita-se que tenha sido levada para o Norte da África, chegando ao Sul da Europa na Idade Média. No século XVI, durante o ciclo das grandes navegações e descobrimentos, a fruta foi trazida para as Américas.

Historiadores norte-americanos afirmam que Colombo trazia em sua expedição sementes de citros, que foram plantadas na ilha do Haiti. O material para o primeiro pomar em solo continental foi trazido por Juan de Grijalva. A data exata da entrada de árvores cítricas na Flórida é desconhecida, mas desde a colonização já se faziam referências sobre a abundância da planta na região.

Melhoramento genético

Os primeiros trabalhos de melhoramento genético com citros datam do século XIX. Naquele momento, nos principais círculos acadêmicos do mundo, borbulhavam e exerciam forte pressão as teorias desenvolvidas por Mendel e Darwin. As características estudadas pelos geneticistas diziam respeito ao sabor, aroma, tamanho e cor dos frutos, bem como à resistência das plantas às doenças e variações climáticas.

No Brasil, registros históricos confirmam a excelente adaptação das árvores cítricas em sua costa litorânea no início da colonização. O princípio da nossa citricultura aconteceu entre 1530 e 1540. Chama atenção o fato de muitos estudiosos do século passado ficarem convencidos de que a laranja era fruta nativa. Esse equívoco não era grotesco: as mutações sofridas pela planta em terras brasileiras deram origem a novas variedades, como a baía, baiana ou *de umbigo*, surgida por volta de 1800.

A laranja baiana representou um verdadeiro marco na citricultura. É daí em diante que ela passa a representar um ramo peculiar da atividade agrícola nacional. Suas mudas são muito disputadas e rapidamente espalhadas em quintais diferentes e longínquos.

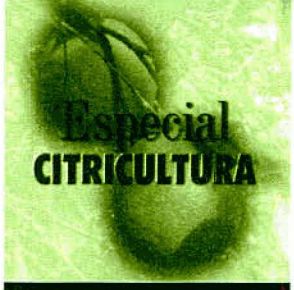
Em 1873 três exemplares de laranja baiana chegaram ao Instituto Riverdale, Califórnia. Mediante técnicas de multiplicação, elas foram distribuídas pelos EUA e outras partes do mundo sob o nome de Washington Navel. Inaugurava-se, assim, um próspero intercâmbio citrícola entre os dois países.

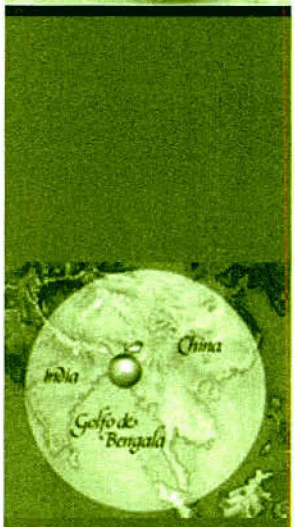
Embora peça integrante do nascimento e desenvolvimento da história econômica brasileira, a citricultura evoluiu em ritmo lento. Somente no princípio do século XX a atividade começou a ser encarada como opção agrícola. A produção era para o consumo interno das fazendas e o excedente ia para as cidades. O governo paulista subsidiava o fornecimento de mudas. Mesmo com as vagas perspectivas de exportação, como a firmada com a Argentina em 1910, a cultura não era ainda um grande negócio.

A derrocada da lavoura cafeeira com o *crash* de 1929 coloca a citricultura definitivamente em outro patamar. Nos anos 30, muitas empresas voltaram-se para ela. O seu produto vinha ao encontro da política de diversificação da pauta de exportação em execução na época. Em 1939, a laranja estava entre os 10 itens mais importantes de exportação do país.

Golpe certeiro

A deflagração da Segunda Grande Guerra foi um golpe certeiro e quase mortal para a citricultura nacional. Com os pedidos de exportação repentinamente cancelados, os produtores foram lançados à própria sorte. Sem recursos e com enormes prejuízos, caíram num beco sem saída. O abandono da condução técnica dos pomares trouxe conseqüências nefastas. Foi nesse período que surgiu uma doença ignorada, causada por um vírus e conhecida como tristeza: 80% das árvores cítricas existentes







Durante décadas, mesmo sendo muito popular, poucos conheciam a fundo os métodos de cultivo da laranja. A partir de tecnologia estrangeira, que não nos servia, acabaram se desenvolvendo aqui procedimentos e normas próprias.

no país sofreram definhamento progressivo e foram destruídas. Um desastre inesquecível.

Durante décadas, mesmo sendo muito popular, poucos conheciam a fundo os métodos de cultivo da laranja. Embora exportasse regularmente, havia uma crônica ausência de planejamento para o setor. As estatísticas básicas de produção, produtividade e área cultivada eram incógnitas. A partir de tecnologias de outros países, as quais não nos serviam, acabaram se desenvolvendo aqui procedimentos e normas próprias. As escolas e institutos recém-surgidos ajudavam a formar massa crítica. Em 1927, esboçou-se a primeira classificação das exportações pelo porto de Santos.

A Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, o Instituto Agronômico e o Instituto Biológico estavam no meio da batalha para controlar o surto da tristeza. O esforço não foi em vão e a solução foi encontrada em 1955. Um êxito memorável para a pesquisa nacional.

Nos anos 50, a citricultura tinha alçado outro patamar tecnológico. A bíblia dos produtores brasileiros, *The cultivation of citrus fruits* – escrita por Harold Hume – teve sua versão em língua portuguesa em 1952. Os trabalhos de pesquisa e extensão, além de se aprimorarem em competência, voltavam-se para um mundo de negócios exercidos na ótica profissional. Produtores, industriais, comerciantes e exportadoras desenhavam a montagem de um agribusiness poderoso e de grande potencial para o país. Segundo dados do Ministério da Agricultura, o Brasil já teria na época 50 milhões de árvores cítricas, 16 milhões delas plantadas em São Paulo.

E mails: pinazza@agroceres.com.br e regis@fgv.br.

MAZELAS

Eterna ameaça

Como nos anos 50, transtornos fitossanitários voltaram a afligir os pomares da citricultura paulista na década de 90

A recuperação dos pomares e a retomada da produção e exportação nos anos 50 revelaram um retrato oposto àquele registrado na década anterior. Isso não estava impregnado somente no conceito técnico da produção, mas também no aspecto chave da gestão empresarial. Os agentes do complexo agroindustrial da sucrocitricultura mostravam a necessidade de decisões pró-ativas no campo sanitário.

É claro que os estragos provocados pela tristeza estavam vivos na memória dos agricultores e influenciavam esse comportamento. Havia ainda o risco iminente de outras endemias. De qualquer forma, dentro do mundo da agropecuária, significava um fato incomum. Nesse caso, vale a pena ir a um ponto distante do tempo, mesmo porque o tema continua a ser pomo de discórdia entre importantes cadeias produtivas nacionais.

Infelizmente, a preocupação procedia. Com a entrada em cena da bactéria *Xanthomona citri*, originária da Ásia e transmissora do cancro cítrico, tombou sobre o setor um quadro de nuvens cinzentas. O agente chegou ao Brasil por meio de mudas trazidas clandestinamente do Japão. Os primeiros focos da doença foram registrados em Presidente Prudente e para combatê-la o Ministério da Agricultura lançou a Campanha Nacional de Erradicação do Cancro Cítrico, em 1957.

Fundecitrus: focos registrados de cancro cítrico

Ano	*Municípios*	*Focos*	*Árvores contaminadas*	*Árvores afetadas*	*Árvores jovens erradicadas*
1992	4	9	934	7.733	-
1993	6	14	342	10.433	-
1994	12	144	746	10.165	8.000
1995	11	25	8.253	38.230	200.512
1996	22	45	3.512	30.394	1.310.000
1997	39	190	19.014	197.353	256.439
1998	64	457	91.602	677.372	828.420
1999*	68	263	10.461	69.754	90.882

*Até 9 de abril.

Fundecitrus: ocorrência do amarelinho (%)

Nível	*1996*	*1997*
Sem sintoma	76,4	65,9
Sintomas em alguns galhos	16,8	23,6
Sintomas em vários galhos	5,2	8,1
Plantas mirradas	1,5	2,3

Proteção das plantas

Com a força adquirida pelo agribusiness sucrocitrícola, em 1977 foi criado o Fundo Paulista de Defesa da Citricultura (Fundecitrus). A instituição é mantida pelas indústrias de suco e produtores de laranja. O objetivo primário é a proteção das plantas. Sob sua administração são conduzidas pesquisas e experimentações para controlar e prevenir a lavoura contra a incidên-